



A EXPERIÊNCIA DA SEXUALIDADE NO ENVELHECIMENTO FEMININO NA PERSPECTIVA DA ONTOLOGIA HEIDEGGERIANA

THE EXPERIENCE OF SEXUALITY IN FEMALE AGING IN A HEIDEGGERIAN ONTOLOGICAL PERSPECTIVE

Amanda Karênina Galvão de França¹

Ana Karina Silva Azevedo²

Resumo: A sexualidade no envelhecimento feminino é pouco abordada no imaginário social, em que idosas são representadas como cuidadoras da família, e no âmbito acadêmico, com maioria de pesquisas sobre aspectos biológicos do envelhecimento, retratando-o como sinônimo de declínio. Na contramão dessas compreensões, entendemos a sexualidade como constituinte do envelhecimento feminino e este, como fenômeno integrante do existir. O objetivo desta pesquisa é compreender como a sexualidade é experienciada por mulheres idosas. Esta é uma pesquisa fenomenológico-hermenêutica heideggeriana. O instrumento da pesquisa foi a entrevista narrativa, realizada com três mulheres idosas e registrada em um diário de afetações, interpretado hermenêuticamente a partir do pensamento heideggeriano e adaptações do círculo hermenêutico para a pesquisa. Esta pesquisa permitiu compreender a sexualidade como um existencial e, admitindo o envelhecimento feminino em sua dimensão existencial além de biológica, possibilitou ampliar as compreensões sobre essa fase da vida, fortalecendo a assistência em saúde a essas mulheres.

Palavras-chave: Velhice; Gênero; Corpo; Pesquisa fenomenológica.

Abstract: Sexuality in female aging is rarely addressed in the social imagination, where elderly women are depicted as caregivers of the family, and also in the academic realm, where most research focuses on the biological aspects of aging, portraying it as synonymous with decline. In contrast to these understandings, we view sexuality as an integral part of female aging, and aging itself as a phenomenon within existence. The objective of this research is to understand how sexuality is experienced by older women. This is a phenomenological-hermeneutic Heideggerian research. The research instrument was the narrative interview, conducted with three elderly women and registered in an affection diary, which was interpreted hermeneutically through heideggerian thought and adaptations of the hermeneutic circle for psychological research. This research allowed us to understand sexuality as an existential aspect and, by acknowledging female aging in its existential dimension beyond the biological, it expanded the understanding of this phase of life, strengthening health care for these women.

Keywords: Old age; Gender; Body; Phenomenological research.

1 Introdução

Existe sexualidade em mulheres idosas? Essa pergunta apresenta o fenômeno de que tratamos — a sexualidade no envelhecimento feminino — ao refletir o que nos parece

¹ Mestre em psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: psi.amandafranca@gmail.com

² Doutora em psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: anakarinaazevedo@hotmail.com



ser a invisibilização da interseção entre a sexualidade e o envelhecimento de mulheres, de modo tão acentuado que as idosas figuram como assexuadas em nossa sociedade. Este artigo dedica-se a compreender o modo como a sexualidade é experienciada por mulheres idosas, por meio de entrevistas cujas análises são fundamentadas na perspectiva fenomenológica inspirada na filosofia de Martin Heidegger, que ilumina o olhar ao que se mostra quando se investiga o entrelace da sexualidade ao envelhecimento feminino.

Para compor o cenário de pesquisa deste fenômeno, é preciso destacar que, ao nos referirmos a mulheres idosas, consideramos aquelas com idade igual ou superior a 60 anos, em consonância com a Política Nacional do Idoso (Brasil, 1994). Ademais, é relevante recuperar os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), que apontam para um evidente aumento na população de pessoas idosas em nosso país, tendo havido um crescimento de 46,6% dessa faixa etária entre os anos de 2010 e 2022, quando são comparados os registros dos censos demográficos realizados nesses anos. O IBGE (2022) também identificou que, entre as pessoas idosas, há predominância de mulheres em comparação aos homens da mesma faixa etária - 8,8% das pessoas com 60 anos ou mais, são mulheres, e 7% são homens.

Essa tendência demográfica de prevalência de mulheres idosas em relação a homens idosos tem sido chamada de *feminização do envelhecimento*. Este fenômeno expõe o desenrolar de décadas de transformações demográficas, tais como a redução das taxas de fecundidade e a predominância masculina nas taxas de mortalidade em quase todas as faixas etárias e causas de óbito, como apontam Chaimowicz e Chaimowicz (2022). Não se pretende analisar tais modificações, mas sim, a direção que elas nos apontam, a qual expõe que o envelhecimento é um fenômeno majoritariamente experienciado por mulheres, logo, como nos diz Salgado (2002), precisa ser ampliado o espaço de discussões que abordem aspectos femininos do envelhecer.

Diante desse breve contexto descrito, esta pesquisa tem como objetivo compreender o modo como a sexualidade é experienciada por mulheres idosas. Para isso, foram realizadas entrevistas, analisadas a partir da ontologia heideggeriana e do círculo hermenêutico - o qual representa o modo de compreensão próprio do *Dasein* -, que foi adaptado como um caminho interpretativo, conforme será discutido posteriormente. Nesse sentido, propõe-se a compreensão da experiência da sexualidade no envelhecimento feminino à luz da fenomenologia heideggeriana, o que demarca a compreensão assumida neste estudo acerca do envelhecimento para além das repercussões biológicas que ele provoca nos corpos femininos, postura em que nos inspira



Beauvoir (1970/2018) ao propor que a velhice deve, necessariamente, ser pensada em sua multiplicidade, em respeito à dimensão existencial do envelhecimento.

Não é essa a abordagem usualmente assumida nos estudos sobre esse tema em nosso país. Afirmamos isso com base em uma busca bibliográfica que realizamos no mês de janeiro de 2025, no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), via Comunidade Acadêmica Federada - CAFE/UFRN, mediante uso dos descritores “envelhecimento” e “mulheres”, associados ao operador booleano “AND”, que estabelece uma relação entre os termos e viabiliza a pesquisa nas bases de dados. Foram selecionados artigos publicados entre os anos de 2012 e 2024, com texto completo disponível, revisados por pares e publicados em português ou espanhol; e excluídos os artigos repetidos ou que não se dedicavam ao estudo do envelhecimento feminino. De acordo com esses critérios, foram encontrados 312 artigos, dentre os quais 37 foram selecionados para a leitura do resumo, em que nos atentamos especialmente à descrição dos objetivos de cada estudo para entender quais aspectos do envelhecimento feminino estavam sob enfoque. Assim, nos deparamos com a maioria de 21 desses artigos explorando alterações fisiológicas do envelhecimento feminino, tais como: o climatério e a menopausa; condições clínicas de saúde ginecológica; avaliações de força muscular; padrão de marcha e incontinência urinária, a exemplo de Fernandes *et al.* (2015); Ribeiro e Neri (2012); Pitangui *et al.* (2012); Garcia *et al.* (2023); Rezende *et al.* (2012); Nascimento *et al.* (2018); Durante *et al.* (2014); Guedes *et al.* (2016); Souza *et al.* (2015); Alves *et al.* (2018); Cardozo e Vasconcelos (2016), entre outros.

Em contrapartida, outros aspectos do envelhecimento das mulheres são menos abordados, como nos parece ser o caso da sexualidade, assim como verificamos em uma segunda busca bibliográfica realizada também no portal de periódicos da CAPES (via Comunidade Acadêmica Federada - CAFE/UFRN). A estratégia de pesquisa empregada foi a aplicação do conjunto de descritores “mulheres AND envelhecimento AND sexualidade” e seleção dos artigos revisados por pares, publicados entre os anos de 2012 e 2022, em português ou inglês; e exclusão dos artigos repetidos ou que não se dedicavam ao estudo da sexualidade no envelhecimento de mulheres. Nessa busca, realizada no mês de fevereiro do ano de 2024, encontramos 32 artigos e, mediante a leitura dos resumos e demais critérios de seleção que descrevemos anteriormente, finalizamos o processo com o número de 10 artigos selecionados, todos publicados no Brasil. Chamamos atenção para a incipiência dos estudos voltados à articulação entre o envelhecimento e a sexualidade feminina na literatura acadêmica, destacada a escassez de publicações destinadas a essa

discussão, a qual se torna ainda mais nítida se comparamos o universo de 312 artigos inicialmente encontrados na primeira busca, ao rol de apenas 32 publicações na coleta posterior.

Nesse sentido, o que se mostra é que, ao pesquisar sobre o envelhecimento feminino, a maioria dos estudos se volta aos seus aspectos fisiológicos, deixando de lado sua esfera psicológica ou existencial; e ao pesquisar sobre a sexualidade em mulheres idosas, nos deparamos com um número bastante reduzido de estudos para nos aproximarmos desse tema. Assim, parece haver um apagamento da interseção entre o envelhecimento e a sexualidade feminina, de modo tal que a sexualidade no envelhecimento feminino figura como tema encoberto, dificilmente afirmado como existente. Diante disso, surge a indagação se essa abordagem não acaba por favorecer uma sensibilização e acolhimento restritos às alterações corporais vivenciadas por mulheres idosas, em detrimento das que abrangem a dimensão existencial de seus envelhecimentos, como pensamos ser as questões relativas à sexualidade.

Nessa perspectiva, corpos envelhecidos são percebidos, nomeados e estudados como corpos em declínio, especialmente quando se trata dos corpos de mulheres. Cenário parecido com o que Beauvoir (1970/2019) há tantas décadas encontrou ao denunciar em sua obra *A Velhice*, o olhar à juventude como apogeu e à velhice como um declínio. Em um oportuno enlace com a fenomenologia de Heidegger, as ideias de Beauvoir nos conduzem a compreender que não há como estudar a dimensão existencial do envelhecimento, senão percebendo a expressão da passagem do tempo na *corporeidade* das mulheres, especialmente das participantes da pesquisa cujas entrevistas logo mais serão expostas.

Heidegger (2001) se reporta ao entendimento do corpo como um fenômeno, e ao conceito de *corporar* do corpo, que diz respeito a um modo de ser, articulando a ideia de que corpo é existência. Tal compreensão permite afirmar que é a partir do corpo que somos a nossa existência e vivemos as experiências que compõem nossa vida, visto que o filósofo nos permite apreender o corpo como modo de *ser-no-mundo*.

Essa expressão se refere a um fenômeno de unidade, impossível de ser dissolvido, tal como os hífen indicam, e que demarca a constituição ontológica deste ente que nós somos. Heidegger (1989) nos diz que, diferente dos outros entes, nós não estamos dentro do mundo, mas existimos como *ser-no-mundo*, sempre em uma relação de pertencimento a ele, a qual o filósofo nomeia como *habitar*. É assim, *habitando* o mundo, que como



Casanova (2021) reflete, em nossa existência, marcada por uma indeterminação fundamental, nos familiarizamos a ele.

Para Heidegger (1989), o mundo se apresenta como “todo de significância” (p. 208), ou “totalidade conjuntural” (p. 205) e, a partir dele, compreendemos tudo o que nos vem ao encontro. É assim que o filósofo descreve a posição prévia, um dos momentos constitutivos da nossa estrutura de compreensão, a qual também contempla a visão prévia - uma possibilidade de interpretação do todo conjuntural - e a concepção prévia - o modo como conceituamos ou definimos algo. Esta é referida por Feijoo (2017, p. 72) como uma “concepção sedimentada”, nos fazendo refletir sobre a existência de verdades já estabelecidas, as quais constituem o modo como compreendemos o que nos vem ao encontro.

Com base nessa ideia, entende-se que há, então, concepções já sedimentadas no mundo acerca do que é ser uma mulher idosa, as quais integram a maneira como enxergamos o envelhecimento feminino. Além das compreensões tecidas no âmbito acadêmico a que nos referimos anteriormente, o que as representações mais comuns e populares nos dizem sobre as mulheres idosas é que estas são avós, cuidadoras sempre disponíveis para acolher seus filhos, netos e parceiros, assim como zelosas com a casa e boas cozinheiras, cujas comidas são expressão de afeto aos familiares. Famosa na literatura brasileira, Dona Benta, personagem escrita por Monteiro Lobato em sua série literária Sítio do Pica-Pau Amarelo, representa tão bem esse ideal de idosa, — ela é doce, sábia, paciente com os netos e carinhosa — que até hoje o seu nome estampa produtos alimentícios e livros de receita.

Nesse sentido, muito mais do que o espaço onde realizamos a nossa existência, o mundo corresponde a uma estrutura de sentidos que, conforme descrita por Sá (2005), orienta algumas condições de existência, pois oferece o horizonte de possibilidades em cuja trama de sentidos o *ser-no-mundo* pode tecer seu existir. Assim, Heidegger (1989) nomeia o nosso modo de ser como *ser-aí*, ou *Dasein*, indicando um modo de existência em que pertencemos ao mundo estando lançados a ele como *poder-ser*, ou seja, como o conjunto de possibilidades que nos constituem. Dessa maneira, tais sentidos que orientam os modos de *ser-no-mundo*, nos impulsionam a questionar como as mulheres idosas se encontram com as possibilidades de *corporar* sexualmente: elas podem assumir a sexualidade como um modo de ser nessa fase de suas vidas, ou podem apenas ser cuidadoras, tal qual já se encontra sedimentado o sentido de ser idosa em nosso horizonte histórico?



Heidegger (1989) nos facilita a reflexão sobre esses sentidos ao nos apresentar ao existencial *impessoalidade*. Quando fala do *impessoal*, o filósofo chama atenção para a ocorrência, na convivência com os outros, da *espacialidade*, que significa, existencialmente, a distância ou intervalo que compõe as relações entre o “eu” e o “outro”. Nesse espaçamento, reside então a tutela dos outros sob a qual o *Dasein* se situa, de modo que são os outros que apresentam e dispõem sobre as possibilidades do *ser-aí*.

É assim que o *impessoal* engendra o que Heidegger (1989) nomeia como uma ditadura, de tal maneira que, na convivência do *ser-aí* com os outros, ele acaba sendo dissolvido no modo de ser desses outros e seus ditos, que se referem ao que o filósofo chama de *cotidianidade*. A *impessoalidade* é, então, como nos diz o filósofo, marcada pelo esforço de controle a tudo o que pode e deve ser, para esmagar todas as exceções, nivelando-as ao que já é conhecido. Essas reflexões nos ajudam a pensar em como o mundo se apresenta às mulheres, com um conjunto de prescrições sobre como devem viver seu envelhecimento e sua sexualidade.

Ainda que não seja possível identificar quem é esse outro que dita o modo de ser vigente, entendemos, a partir da filosofia heideggeriana, que ele existe e age como um par de olhos atentos para nivelar as múltiplas possibilidades de ser àquelas que se enquadram em seus moldes já estabelecidos. Para Heidegger (1989), existimos a maior parte do tempo *impessoalmente* e, dessa forma, somos atravessados pelos sentidos históricos da nossa época, os quais constituem os modos possíveis de viver o envelhecimento para as mulheres. Esse molde, historicamente construído, dita que elas devem ser sempre cuidadoras, mães, avós, e nos conduz a perceber a relevância de escutar a essas mulheres, para que elas possam nos apresentar os seus modos de ser, para além do que nos dizem tais sentidos.

Estas nos apontaram para a compreensão da sexualidade como um *existencial*. Em suas narrativas, os ditos do mundo acerca de como deve ser uma mulher idosa, apareceram como mais restritivos aos modos de ser de mulheres em seus envelhecimentos, do que as mudanças corporais desse momento da vida. Portanto, reafirmamos a sexualidade como constituinte das vidas das mulheres em seus envelhecimentos, e a importância da continuidade de estudos que visibilizem o fenômeno do envelhecimento em seu aspecto existencial e multifacetado.



2 Percurso metodológico: a hermenêutica heideggeriana como possibilidade de compreensão

Este estudo é caracterizado como uma pesquisa de inspiração na fenomenologia, tal qual proposta pelo filósofo Martin Heidegger, portanto esse modo de fazer pesquisa se fundamenta em sua ontologia. Esta não se dedica à construção de métodos de pesquisa em psicologia, mas inspira adaptações que permitem tal elaboração e, por conseguinte, a realização de pesquisas fenomenológicas na psicologia. AmatuZZi (2005) define esse modo de fazer pesquisa como uma investigação do vivido, interrogação da experiência.

Tal como apresentado anteriormente, interroga-se o fenômeno da sexualidade no envelhecimento feminino, em aproximação das experiências de mulheres idosas. Heidegger (1989) nos permite entender que um fenômeno é o que se revela da existência, propondo a fenomenologia como modo de “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo” (p.74). Isso significa que a fenomenologia se dedica à apreensão de um fenômeno do modo como ele é, da forma como pode se mostrar, o que tem por condição, como aponta o filósofo, o afastamento de quaisquer determinações sobre o fenômeno que não sejam voltadas a descrevê-lo.

Nesse sentido, Heidegger (1989) defende que é a partir da “hermenêutica da presença” (p. 77), que é possível fazer aparecer um fenômeno. Esta, em consonância com o filósofo, consiste em um ofício de interpretação que provê as condições para uma investigação ontológica, tal como é a pesquisa em fenomenologia. Heidegger (1989) acrescenta ainda que a hermenêutica é uma “analítica da existência, amarra o fio de todo questionamento filosófico no lugar de onde ele brota e para onde retorna” (p.78).

Logo, o que possibilita que um fenômeno se mostre tal qual é, descoberto, desvelado, é uma análise interpretativa da existência, a que iremos nos referir como hermenêutica. Sobre a interpretação, Heidegger (1989) nos diz que esta se fundamenta existencialmente na compreensão, sendo a interpretação uma elaboração da compreensão que acontece quando o *ser-aí* se apropria de suas possibilidades existenciais. A compreensão e a interpretação são, na ontologia heideggeriana, *existenciais* — na fenomenologia heideggeriana, é existencial toda estrutura que constitui essencialmente a existência — que revelam o círculo hermenêutico, o qual, como descreve Heidegger (1989), é composto pela posição prévia, a visão prévia e a concepção prévia.

Na ontologia heideggeriana, o círculo hermenêutico não é um método científico, mas refere-se ao modo como tecemos todas as nossas compreensões enquanto existentes.

É a partir de seus momentos constitutivos — a posição prévia, a visão prévia e a concepção prévia — que, como nos dizem Frota e Dutra (2021), se desvela o *ser-no-mundo*. Logo, é do fluxo contínuo da circularidade hermenêutica que brota o nosso modo de ser.

Heidegger (1989) também destaca sobre o círculo hermenêutico que este não possui um ponto de partida, sequer a ideia de progressão entre os momentos que o compõem. Em oposição a isso, o que há é a fluidez ininterrupta do entrelace entre a posição prévia, a visão prévia e a concepção prévia. Heidegger (1989) possibilita o entendimento de que a posição prévia se refere a tudo o que nos vêm ao encontro e é apreendido por nós, a partir do que já é compreendido sobre o mundo; a visão prévia, consiste em um recorte da posição prévia, o qual já expressa uma compreensão visto que exprime uma possibilidade de interpretação cuja origem é o todo conjuntural; a concepção prévia, por sua vez, é a conceituação, a nomeação de algo.

Pensando sobre o círculo hermenêutico, Dutra (2021) o destaca como um modo de compreensão que enlaça nossa existência, de modo tal que “chama pela ek-sistência, o estar lançado, numa abertura de sentidos” (p.63). A mesma autora afirma, então, que as afetações do pesquisador diante do fenômeno sobre o qual estuda, conferem o tom de interpretação das experiências vividas e analisadas. Esse modo de fazer pesquisa tem sido exercitado, como aponta Dutra (2021), nas pesquisas realizadas por Azevedo (2013); Maux (2014); Rebouças (2015); Bezerra (2016); Santos (2018); Cunha (2019) e Azevêdo (2020). Ademais, acrescentamos a essa lista as recentes produções em pesquisa de Melo (2022); Silva (2022) e Vale (2022).

3 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa teve como participantes três mulheres: Maria, Flor e Flor de Lis, as quais são mulheres com 60 anos ou mais e residentes na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. O meio de acesso às suas narrativas sobre o fenômeno da sexualidade foi a entrevista narrativa, visto que, como entende Dutra (2002), a narrativa é uma técnica de pesquisa fenomenológica por viabilizar o desvelamento de uma experiência por meio da linguagem. Assim, a partir das narrativas das participantes, foi possível uma aproximação de suas relações consigo mesmas, com seus corpos e com seus processos de envelhecimento. O movimento acontecido se assemelha a um recolhimento de experiências, compreensão inspirada no que diz Morato (2013) ao descrever o



recolhimento de modos de ser como uma expressão do encontro do *ser-com* que, estando junto ao outro, pode compreendê-lo ao recolher, ou captar, o que foi percebido nesse encontro.

As entrevistadas assinaram o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE), e o estudo obedeceu às diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. A realização da pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, conforme o CAAE: 76468323.5.0000.5537. As participantes foram identificadas por nomes fictícios escolhidos por elas mesmas durante as entrevistas, a fim de preservar o sigilo de suas identidades e manter o compromisso ético desta pesquisa.

Houve a escolha por não realizar uma pergunta inicial para iniciar a entrevista e a fala sobre a experiência, com inspiração no que diz Cunha (2019) sobre o próprio convite à pesquisa já ser, por si só, um disparador da narrativa. A autora reflete ainda que, na ocasião do convite para participar da pesquisa, já se circunscrevem os afetos das entrevistadas em relação ao fenômeno interrogado no estudo, sem a necessidade de que haja uma pergunta formal que desempenhe essa função. As entrevistas foram registradas no diário de afetações, a ferramenta de pesquisa que se constitui como material de registro e análise das entrevistas.

O diário de afetações é uma ferramenta em que o pesquisador registra as suas afetações após a realização das entrevistas. Para Azevedo e Dutra (2019), os registros provenientes das entrevistas são como “lembretes para o pesquisador, lembretes de sentidos expressos nesta relação, produzidos pela linguagem” (p.35). Então, o diário de afetações registra a situação hermenêutica, visto que anuncia a trilha dos movimentos compreensivos do pesquisador.

Azevedo e Dutra (2015) entendem que, muito mais do que um registro de entrevistas, o diário de afetações permite expor o movimento compreensivo do pesquisador ao longo da pesquisa, revelando modos possíveis de compreensão de um fenômeno por anunciar as afetações do pesquisador em seu modo circular de compreensão. Assim, esse documento se distancia da transcrição de entrevistas, visto que, mais do que as falas das participantes, é composto pelos momentos compreensivos de quem pesquisa, de sua trajetória de encontro com as pessoas participantes da pesquisa, com o fenômeno investigado e com as afetações suscitadas antes, durante e depois da realização das entrevistas.

Desse modo, o diário de afetações é uma ferramenta que favorece a hermenêutica heideggeriana em que se fundamenta as análises das entrevistas. Estas, foram interpretadas a partir da análise do diário de afetações. Logo após a entrevista, foi iniciada a sua escrita, e posteriormente, esse conteúdo foi interpretado hermeneuticamente.

O momento interpretativo foi construído mediante o pensamento heideggeriano e o círculo hermenêutico em consonância com adaptações realizadas por Azevedo e Dutra (2015) e Dutra e Maux (2021), composto pelos seguintes modos de ver o fenômeno: 1) afetação pelo depoimento ouvido, momento posterior à entrevista, na qual é feito registro no “diário de afetações”, das afetações desveladas no pesquisador durante a entrevista; 2) identificação de temas, momento em que são resgatadas as afetações do “diário de afetações”, bem como referências de revisão da literatura específica; 3) diálogo entre as reflexões feitas a partir das etapas anteriores e a literatura, que corresponde à conceituação do fenômeno a partir do processo de interpretação percorrido. Portanto, as entrevistas foram interpretadas hermeneuticamente, em acordo com os modos de ver o fenômeno explicitados acima, permitindo a tessitura das compreensões sobre o fenômeno desvelado nas análises das entrevistas.

4 Narrativas da sexualidade no envelhecimento de mulheres: o que elas dizem?

Algumas vozes já se fizeram presentes neste trabalho: o que a *cotidianidade* diz sobre o envelhecimento feminino; o que a biologia diz sobre os corpos femininos envelhecidos; o que a fenomenologia diz sobre esses corpos. Agora, iremos nos encontrar com o que as mulheres entrevistadas dizem sobre si mesmas, seus envelhecimentos e a sexualidade nesse momento de suas vidas. As narrativas de Maria, Flor e Flor de Lis serão apresentadas a seguir a partir da análise realizada tal como descrita anteriormente, e a exposição de alguns trechos do diário de afetações, os quais estarão aspeados indicando as falas das participantes.

4.1 Maria e a morte ao desejo

Maria é uma mulher de 74 anos de idade, que recentemente comemorou o 45º aniversário de casamento com o marido em uma missa, como o casal faz todos os anos. A religião é muito importante para ela, frequentadora assídua da Igreja, e figura de referência na comunidade religiosa de seu bairro. Embora tenha demonstrado desconforto com a ausência de perguntas previamente estabelecidas para a entrevista, Maria iniciou

sua fala compartilhando o seu momento atual de vida, dizendo do adoecimento do marido de quem tem se dedicado a cuidar, embora se incomode ao perceber que parece estar mais investida nos cuidados com ele, do que ele mesmo.

Assim, logo Maria anuncia o seu modo de ser nas relações como cuidadora. É pela via dos cuidados com os outros que narra a sua história de vida, contando que desde os 16 anos assumiu a responsabilidade de cuidar dos irmãos e das atividades domésticas após o falecimento da mãe. Quando desse acontecimento, é importante destacar que não é o pai de Maria que se torna referência de cuidado com ela, ainda adolescente, e seus outros filhos, mas sim, Maria, a única filha mulher, é convocada a assumir essa postura na dinâmica familiar.

Desse modo, o cuidado com o outro vai se revelando como a via de realização de seu existir, e assim vai sendo forjado o que, para ela, é compreendido como possibilidade de ser. Para Heidegger (1989), nós somos o que podemos ser, o que nos aparece como possibilidade estando lançados no mundo. Nesse sentido, a narrativa de Maria ilumina o olhar em direção ao mundo, ao que tem aparecido para as mulheres como possibilidade de ser em suas existências.

De acordo com Heidegger (1989), somos *ser-no-mundo*, logo, ao nos encontrarmos com as falas de Maria, só podemos pensar sobre sua existência se o fizermos considerando a sua relação com o mundo. Assim, a narrativa de Maria expõe uma trama histórica de sentidos constituintes do mundo, que a familiarizou com a possibilidade de existir assumindo o cuidado com os outros como projeto de sua existência. Ao olharmos para o mundo e as possibilidades que nele as mulheres encontram, entendemos que, na historicidade de ser mulher, o cuidado é estabelecido como responsabilidade feminina.

Na ontologia heideggeriana, o *cuidado* é um termo caro. Para Heidegger (1989), o *Dasein* é sempre um *ser-no-mundo-com-os-outros*, então a existência se faz no encontro, que corresponde ao componente ontológico que o filósofo chama de *cuidado* - em outras palavras, o *cuidado* é o modo de ser que permite ao *Dasein* realizar a sua existência no mundo com os outros. Ontologicamente, o *cuidado* é o modo de ser como *preocupação*, e como diz Heidegger (1989), é possível preocupar-se com o outro assumindo a posição desse outro, deslocando-o de suas próprias ocupações, as quais são assumidas por aquele que se *preocupa* de modo substitutivo.

Nessa dinâmica, quem é substituído pode deixar de lado a ocupação que lhe diz respeito, enquanto quem substitui a assume para si e toma o outro como seu dependente.



Maria, em suas histórias junto ao marido, assume esse modo de preocupação *substitutiva* na relação com ele. Embora pareça incomodar-se com tal arranjo, em outra situação em que ele esteve doente, relata que precisou interromper os seus afazeres para ir socorrê-lo, assim como também o fez a filha deles.

Ao dizer que *precisou* parar o que estava fazendo para ir até o marido socorrê-lo, Maria expõe que, para ela, não havia outra escolha possível nessa circunstância. Quando adolescente, era responsável por cuidar dos irmãos; adulta, dos filhos e idosa, do marido. Tutelando a tantos, ao longo de seus 74 anos de idade, Maria parece quase sempre se perceber na necessidade de estar à disposição de outros, que figuram como seus dependentes nessa dinâmica de substituição, a qual parece ser o seu modo de *ser-com-o-outro*.

Maria, então, constantemente desloca-se de seu próprio lugar como existente, cujo existir segue em jogo na indeterminação própria do *ser-no-mundo-com-os-outros*, e toma a si mesma como alguém que não pode ser mais do que já é: irmã, mãe, esposa, alguém que cuida. Havendo tamanha inclinação aos outros para assumir o que lhes pertence, é como se fosse a vida deles que ela vive, e não a dela mesma, que parece estar há muito, já determinada. No entanto, a inquietação que por vezes ela demonstra ao falar da relação com o marido não ofusca a alegria que diz ter sentido quando comemoraram 45 anos de casamento, ocasião em que disse que muitas pessoas da Igreja os elogiaram, mas acrescenta que “as pessoas acham que esse tempo todo é só de amor”.

Os elogios parecem ter chegado até Maria como frutos de idealização em torno de longos matrimônios, mas reflete que ela e o marido já vivenciaram muitas fases diferentes na relação e lista os motivos para estar junto a ele, destacando gostar de sua presença e o fato de terem uma casa juntos. Todavia, o amor não aparece entre essas razões para permanecer na relação. Borges-Duarte (2019) se debruça sobre o estudo do amor em articulação à filosofia de Heidegger, identificando esse sentimento como um modo de *cuidado* no sentido ontológico da *preocupação*.

O amor, como Borges-Duarte (2019) compreende, é uma forma de conhecer o outro, amando o que aparece desse outro, que pode não ser o que se deseja dele, assim, o amor é caracterizado como um “deixar-ser” (p. 45). Nesse sentido, o amor é um modo de conhecer que facilita a expressão do ser mais próprio, abrindo caminhos para a apropriação de si pela via da preocupação com o outro num modo antepositivo, que como propôs Heidegger (1989), devolve ao outro o cuidado de si, tornando-o mais livre e transparente para si mesmo.

Na narrativa de Maria, é perceptível que, familiarizada com possibilidades já restritas de ser como cuidadora, na relação com o marido também é isso o que se anuncia como possibilidade para ela. Assim, o modo como se preocupa com o marido, parece afastá-la de sua apropriação de si, distanciando o amor — tal como refletimos filosoficamente — dessa relação. Logo, quando ela nos fala que não são 45 anos só de amor, podemos compreender que nessas quase cinco décadas, não foi sempre experimentada a possibilidade de assumir o seu ser si mesma mais próprio.

Acerca de seu casamento, Maria também compartilha que o marido foi o único homem com quem experimentou uma relação sexual, o que apontou ter relação com sua religião e fé, dimensões de seu existir que se apresentam como importantes nas decisões que integram o caminhar de sua vida, inclusive, nas escolhas relativas à sua sexualidade. A participante diz que o sexo entre eles nunca foi bom, e expressa sua insatisfação que data da lua de mel do casal, expondo que esse descontentamento com a vida sexual deles não tem relação com o envelhecimento dele ou dela, pois mesmo jovens não havia a sensação de um encontro sexual prazeroso para ambos. O prazer é pensado por Pompeia e Sapienza (2011) quando discutem a dimensão existencial da sexualidade, compreendendo que experienciar prazer é uma expressão de *poder-ser*, “uma experiência de plenitude que se realiza corporalmente” (p. 90) na dimensão de “ser-no-mundo-corporalmente-com-os-outros” (p.90).

Dessa maneira, ao invés da idade, é o modo como eles se relacionam que parece se impor como dificuldade a esse prazer ou satisfação para ela, que traça uma diferença na compreensão do sexo para homens e mulheres, ao dizer que “para eles o sexo é o objetivo, a prioridade, (...) o homem pode transar e depois virar e dormir, sem conversar, sem ficar ali tendo um momento”. O movimento de sua fala é o de partir do geral, do mundo, do universo de todos os homens para referir-se às experiências dela na relação com o marido, ilustrando o que Heidegger (1989) nomeou como característico do *impessoal*, aquilo que representa a todos e a ninguém ao mesmo tempo, visto que não é possível determinar uma autoria para o que se diz ou acredita, e que faz parte da *impessoalidade*, a qual na relação do *Dasein* com os outros dá forma ao que ele chama de *medianidade*. Esta, é o *impessoal* em seu caráter existencial, ou seja, constitutivo de nosso modo de ser sempre junto aos outros, que implica também estar junto aos significados que compartilhamos e constituem o nosso mundo.

Em sua narrativa, Maria expõe esses significados com os quais foi familiarizada em relação ao sexo, expressando o que parece uma vontade de que a sexualidade possa



significar não apenas o ato sexual, mas o desfrute da companhia do marido, com quem gostaria de fazer passeios e ter por perto para aplacar a carência que diz sentir. No entanto, isso não parece possível para ela, que apresenta em suas falas significados já postos para o modo como se dão as relações, de maneira tal que aparenta olhar o mundo como espaço que a oferece a justificativa de que ela não tem experiências diferentes na relação sexual ou mesmo conjugal, de convivência com o marido, porque o modo como experimenta a relação com ele é o modo como é possível, para uma mulher, viver uma relação com um homem. Logo, o gênero, tal como apreendido por Maria, aparece em sua fala como categoria que determina o que é possível viver sexualmente.

Conforme propôs Butler (2023), as possibilidades de realização dos gêneros podem ser limitadas pelas práticas discursivas, o que parece ser demonstrado na narrativa de Maria. A autora reflete que, por mais que haja efeitos de tais práticas discursivas na realização dos gêneros, não há uma determinação de cunho cultural ao que podem ser os gêneros ou ao que podem viver as pessoas com base no gênero que identifica seus corpos. Entretanto, a partir de sua experiência de vida, Maria expressa que tais limitações à realização do gênero a interpelam em seu existir como determinações, quando ela *impessoalmente* assume para si, para o seu corpo e sua sexualidade sendo uma mulher idosa, um olhar cultural que restringe suas possibilidades de ser.

Por isso, ao seguir sua fala, Maria se refere ao seu desejo sexual atualmente dizendo “eu tenho quase 75 anos, mas ainda tenho sentimentos vivos dentro de mim”, expressando estranhar a si mesma ao perceber-se ainda desejante, como se nessa idade o desejo sexual não mais devesse ser sentido. Em seu existir, o desejo sexual é percebido como inoportuno, incômodo, um fardo que se impõe na monotonia de seus dias, ritmo que parece esperado ao seu envelhecer e que a conduz a dizer: “hoje eu estou ladeira abaixo”, acrescentando ainda que hoje está indo em direção à morte.

Com essa fala, Maria revela sua percepção sobre seu envelhecimento como um declínio. Ademais, em sua experiência de corporeidade, é o envelhecer que a anuncia o seu *ser-para-a-morte*, pois a morte a aparece como possibilidade existencial à medida que vivencia em seu corpo as mudanças que expõem o passar dos anos de sua vida. Para Heidegger (1989), a *cotidianidade* distancia o *ser-aí* da certeza da morte como irremissível e insuperável, de tal maneira que mesmo com a certeza de que vai morrer, o *ser-aí impessoalmente* não se apropria dessa possibilidade, encobrendo uma característica essencial da certeza da morte, que é a possibilidade de que ela aconteça a todo e qualquer momento.



Assim, a morte figura para Maria como possibilidade própria do envelhecimento, como se não estivéssemos sempre em direção à tal acontecimento. Desse modo, o envelhecimento parece significar a ela uma restrição tão intensa de significados, que agora só lhe resta morrer. Entretanto, em sua espera pela morte, ainda se encontra com o desejo sexual, o qual descreve como “sentimentos por outras mulheres”, ou como carinhos maternos, parecendo não poder assumir tal desejo como seu sequer ao nomeá-lo, ainda que afirme estar se referindo ao seu desejo por mulheres quando questionada na entrevista.

Maria, então, *enuncia* a sua compreensão de sua sexualidade como um desejo aprisionado nas entrelinhas de sua fala e de sua experiência. Heidegger (1989) reflete que o *enunciado* é o modo como é possível ao *Dasein* perceber e expressar o que conhece do mundo, já repleto de significados anteriores ao seu existir. Logo, o que se *enuncia* revela um modo de *ser-no-mundo*, a maneira como o que foi conhecido foi elaborado pelo *Dasein*, que nos permite compreender o modo como foi possível, para Maria, conhecer e pronunciar o que a chegou do mundo como significado e possibilidade de realizar a existência: no horizonte de possibilidades de Maria, não é possível viver uma relação com outra mulher, a não ser uma relação de cuidado, em que ela seja a cuidadora, e nesse caso, a mãe.

A participante conta sobre um momento de intimidade que vivenciou com uma mulher e, ao lembrar os toques que experimentou em seu corpo, parece revivê-los durante a entrevista, fechando os olhos e repetindo alguns toques em si mesma, mergulhando em sua memória. Heidegger (2001) reflete sobre o dizer sem palavras, recuperando o significado arcaico da palavra “dizer”, que significa mostrar, deixar algo ser visto; logo, o *corporar*, como um modo de ser, permite que o corpo diga, mostre, sem necessariamente falar, pois existimos sempre corporalmente. Nessa cena, o corpo de Maria deixa ver o seu desejo vivo, diz não vislumbrar apenas a morte, contendo não um suspiro final de vida, mas um clamor por ainda *poder-ser*.

A *corporeidade* de Maria exala a sua sexualidade. É assim que ela nos permite pensar a sexualidade como um existencial desvelado pela *corporeidade*, ou seja, a sexualidade aparece como componente ontológico da existência que se mostra pela experiência de *corporar*. Todavia, Maria diz que gostaria de matar o desejo sexual por outras mulheres, que não gostaria de sentir isso, nos mostrando que ela é uma mulher desejante e sexuada, mas na impossibilidade de viver o que deseja. Ao longo de sua narrativa, a participante nos expõe o seu encontro com as noções de gênero, sexualidade

e envelhecimento que compõem o que Casanova (2021) chama de “compromissos ontológicos da tradição” (p. 105), e define como projetos de existência previamente determinados, frutos da ânsia da tradição ocidental por igualar o ser aos entes e tomá-lo como simplesmente dado.

O que a narrativa de Maria diz, pensada sob o prisma desse pensamento filosófico, é que, para ela, ser uma mulher idosa tem sido assumido como um *compromisso ontológico da tradição*, um projeto já estabelecido a que ela deve corresponder. Logo, ser idosa aparece em sua vida como delimitação de seu modo de ser no que diz respeito às possibilidades de vivenciar o seu gênero, a sua sexualidade e até mesmo o seu envelhecimento. Pensar sobre tais compromissos ontológicos na vida de Maria nos permite discutir não só sobre ela, mas acerca de como os sentidos já postos no mundo atravessam as existências e tecem tramas de sentido que as normatizam, restringindo possibilidades de ser.

É em virtude desses sentidos que permeiam a vida de Maria que a sexualidade e a experiência de seus desejos não parecem ser possíveis nesse momento de sua vida. A morte do desejo a que ela se refere anteriormente pode então ser compreendida como modo de preservação desse projeto de existência previamente estabelecido para ela pelos tais compromissos ontológicos, uma mulher idosa, casada e religiosa. Maria, então, parece vivenciar uma intensa interdição de seu *poder-ser*, que fica relegado ao que o mundo diz que idosas podem ser.

Em sua narrativa, a participante nos inspira a pensar que, para mulheres idosas, o *poder-ser* é restrito ao longo dos anos, no acúmulo de rugas da pele e no volume de cabelos brancos que demarcam corpos envelhecidos de mulheres idosas. Desse modo, ao perceber-se idosa, Maria também se percebe como impotente, ainda que diante de tão intenso pulsar de seu corpo pela vida. Encurralada dentro de si pelo que o mundo definiu que ela, uma mulher idosa e religiosa pode ser, Maria nos apresentou ao seu corpo como uma prisão e ao seu envelhecimento como algoz de suas possibilidades, não pelo envelhecimento em si, mas pelos sentidos de ser idosa com que ela se encontra no mundo, e que a anunciam um modo específico e previamente determinado de ser nesse momento da vida.



4.2 Flor e seu jardim de liberdade

Flor é uma mulher de 62 anos de idade, que desde o primeiro contato com a pesquisa expressou a sua disponibilidade para falar sobre a sexualidade em sua vida. Logo anuncia o seu modo de vivenciar a sexualidade, dizendo que esse tema sempre foi muito presente na relação com sua mãe e irmãs, tendo circulado em sua casa como assunto que compunha o cotidiano familiar, envolvido por uma atmosfera de liberdade para ser falado e experimentado. Isso parece ser compreendido por ela como importante para o modo como tem se relacionado com o seu corpo ao longo da vida, já nos apresentando ao que parece a experiência de vivenciar o seu corpo como potente, sendo a sexualidade um modo de realização possível de seu *corporar*.

De acordo com a compreensão heideggeriana, tal como já discutimos anteriormente, *corporar* se refere a um modo de *ser-no-mundo-com-os-outros*. Logo, ao nos aproximar de sua relação consigo mesma e seu corpo, Flor nos mostra também o seu modo de *ser-no-mundo* como uma mulher desejante, que assume seus desejos como passíveis de realização, sendo a sexualidade um tema que aparece em sua vida sem véus de pudores, sob a compreensão de que consiste em uma possibilidade que ela pode assumir: ela compreende que pode vivenciar essa dimensão de sua *corporeidade*.

O modo como esse assunto esteve presente em sua relação com as irmãs e a mãe também foi escolhido por ela na relação com as filhas, com as quais a sexualidade é um tema comum. Porém, Flor diz perceber que elas se sentem constrangidas, não gostam de falar sobre isso com ela, que diz “ainda gosto de sair, ter encontros, transar”, expondo que ela não é apenas espectadora disponível a ouvir as experiências das filhas, mas sim uma mulher que também tem suas vivências para compartilhar. Quanto a isso, diz que elas se preocupam, e reflete que se trata de uma tentativa de proteção, visto que, por serem mulheres, estão diante de alguns perigos.

O mundo não é reconhecido por ela como terreno fértil para o desabrochar de algumas possibilidades, tais como a da sexualidade estar tão viva no modo de ser de mulheres, sejam elas jovens, idosas, filhas ou mães. O que Flor nos diz é que, em todas as fases de sua vida, assim como em todas as idades de suas filhas, houve, e permanece havendo, uma percepção de perigo, inospitalidade a alguns modos de ser, que parece culminar na compreensão da necessidade de um movimento de proteção entre elas, de maneira a tentar garantir que estejam seguras para *ser-corporalmente* como desejam, especialmente no que diz respeito à sexualidade. Nesse sentido, a segurança que lhes é

tangível ao realizarem seus modos de *ser-no-mundo-corporalmente*, parece alicerçada nas relações que nutrem entre si.

Heidegger (1988) reflete que o mundo aparece no modo de *ser-no-mundo* do *Dasein*. Assim, ao nos debruçarmos sobre a narrativa de Flor, nos aproximamos de seu mundo, que, como Casanova (2021) nos facilita a compreensão, é, não só o horizonte de manifestabilidade da existência, mas também, a estrutura de sentidos que absorve o existente cujo existir é marcado por uma indeterminação originária. *Ser-no-mundo* significa, então, experimentar sentidos já previamente estabelecidos, a normalizar e normatizar as existências.

É falar da sexualidade e do modo como ela aparece em sua vida, inclusive na relação com suas filhas, que nos abre as portas para o mundo de Flor, nos permitindo um vislumbre dos sentidos com os quais ela tem se encontrado em seu existir. Esse movimento, então, expõe a *situação hermenêutica*, que como entendem Andrade e Barreto (2020, p.9), diz respeito à “a assimilação dos referenciais que nos constituem e passam a fazer parte do patrimônio de experiências e vivências da pessoa, sedimentando-se num solo existencial pré-compreendido originariamente”. Assim, a narrativa de Flor nos apresenta a parte de seu patrimônio experiencial a situar sua existência no mundo, que aparece como inóspito ao seu modo de *corporar* sexualmente.

Isso se faz presente também quando ela compartilha ter vivido um relacionamento em meados de seus 40 anos de idade, com um homem cerca de duas décadas mais novo. Diante do casal que eles formavam, Flor relata que frequentemente as pessoas demonstravam estranhar o relacionamento deles, fosse pela pergunta “qual é mesmo a relação entre vocês?”, ou pela afirmação de que ele estava com ela por interesse, expressando a compreensão da cotidianidade de que um homem daquela idade não escolheria se relacionar com ela, senão pelos benefícios que lhe poderiam ser proporcionados. Por *ser-no-mundo-com-os-outros*, estão em jogo no existir de Flor as concepções desses outros, as quais a interpelavam apontando que o seu casamento era diferente, figurava como exceção à regra.

Esta, advém da *medianidade*, que a partir de sua tendência de *nivelamento*, tal como identificou Heidegger (1989), promove uma dissolução de quaisquer peculiaridades, de maneira que tudo se preserve sempre como já tem sido. O *nivelamento*, então, parece revelar uma tensão entre o querer-ser e o poder-ser, presente na narrativa de Flor ao vivenciar uma relação que escapava às normas vigentes na *medianidade*, logo, sob o jugo dos outros, se tratava de um casamento pautado no interesse do marido por

suas condições de vida, e não por suas virtudes. Essa relação chegou ao fim, e Flor compartilha que hoje não quer se relacionar com homens mais novos do que ela, pois em virtude de sua experiência no casamento, percebe que a diferença de faixa etária torna as conversas, referências e interesses muito diferentes, de modo que hoje, ela prefere homens a partir de sua idade.

A participante diz que nunca gostou de se relacionar com homens de sua idade, tendo preferido sempre os mais velhos, mas acrescenta que nunca se imaginou junto a homens de 70 anos, idade hoje próxima à sua, concluindo que “hoje a minha faixa se ampliou”. Sobre isso, ela comenta que atualmente, tanto pode sair com homens mais novos, quanto com os mais velhos, cujas idades antes ela não considerava, percebendo hoje em dia, mais faixas etárias possíveis para se relacionar. Com isso, Flor nos apresenta à sua perspectiva de que o envelhecimento permite uma ampliação de possibilidades sexuais, sendo um momento de vida em que há mais pessoas com quem a sexualidade pode ser vivenciada, em contraposição aos ditos cotidianos de que pessoas idosas, especialmente mulheres, são assexuadas, tal como discutimos anteriormente.

Essa compreensão do envelhecimento como ampliação de possibilidades se enraíza em sua experiência e modo de compreender-se, tendo a sexualidade sido anunciada em seu existir como parte integrante de seu modo de ser, promovendo o que parece uma ampliação dessa dimensão de seu *corporar*. Flor é uma mulher desejante, que *corpora* lançando-se ao mundo para ir ao encontro de seus desejos e realizá-los, porém, continua deparando-se com solos inférteis a essa caminhada, que representa seu modo de ser e vivenciar a sexualidade. Ela expõe isso ao compartilhar sua insatisfação por não conhecer, na cidade onde mora, locais em que possa sair e encontrar-se com pessoas de idades parecidas com a sua, divertir-se e, se quiser, até mesmo voltar acompanhada para casa, tal como fazia em meados de seus 30 anos.

Para viver essa experiência, a participante relata que gosta de realizar viagens, as quais lhe oferecem novos cenários para a realização do que deseja viver em seu modo de *corporar* sexualmente. Assim, a narrativa de Flor nos permite questionar se há espaços de lazer que contemplem a ela, e a outras mulheres em faixa etária semelhantes à sua, que se sintam sexualmente livres e desejosas de viver essa dimensão de seu *corporar*. Além disso, indagamos também: será que essas outras mulheres não existem, ou será que dificilmente são vistas por que apenas as jovens, cujos corpos ainda comunicam que estão em idade reprodutiva, encontram tais opções de lazer?



Flor nos diz ainda que o olhar dos outros a ela a comunica que ela não é mais vista como atraente, embora se perceba dessa maneira. Em locais majoritariamente ocupados por pessoas jovens, ela diz que estar diante de homens nessa fase da vida a faz sentir-se velha, como alguém com quem eles não escolheriam se relacionar, pertencente a outro tempo, vista como não atraente e, em alguns casos, até mesmo remetida a uma figura maternal. Beauvoir (1970/2018) reflete que a velhice é percebida a partir dos olhares das outras pessoas que, por meio de palavras, gestos ou olhares, espelham o passar do tempo de vida daquela pessoa que, ali, diante do outro, se percebe como velha.

É assim, frente aos olhares desses homens mais jovens que aparece para Flor o seu envelhecimento. Isso não a impede de lançar-se às vivências que deseja assumir em seu existir, posto que ela continua colecionando histórias marcadas por experiências de intenso prazer, o qual em sua vida não tem sido limitado por marcos etários. Sobre seu momento de vida, ela diz que agora sente vontade de viver, explorar, conhecer o que puder, pois está envelhecendo, então tem menos tempo, de modo que é o envelhecimento que parece anunciar para Flor a sua finitude, que a impulsiona a explorar sua sexualidade.

Nesse sentido, a sexualidade em seu envelhecimento figura como ampliação da sua liberdade de ser-si-mesma, de *corporar* livremente como uma mulher desejante. Ser-si-mesmo, tal como entende Heidegger (1989), tem uma relação ontológica com assumir a morte como possibilidade, o que diz respeito a pensar a vida como existência voltada para o fim, numa disposição em que, ao ter a morte desvelada como possibilidade de deixar de existir, o *Dasein* é confrontado com o seu caráter de *poder-ser*, portanto, ao assumir a possibilidade da morte também assume que a realização de seu existir depende de si mesmo. Por isso, na ontologia heideggeriana, o *ser-si-mesmo* propriamente advém da tomada da morte como possibilidade, o que na narrativa de Flor parece acontecer a partir de seu envelhecimento, que a faz perceber-se com menos tempo de vida, assim impulsionando-a à urgência de realizar os seus desejos e vivenciar novas experiências, *corporando* livremente em seu modo de *ser-si-mesmo* propriamente.

Em seu modo de ser e vivenciar o seu envelhecimento, Flor parece compreender a si mesma não só como uma mulher desejante, mas também como capaz de viver novas experiências. O envelhecimento não a interpela como uma sentença do fim da vida, pelo contrário, a coloca diante do fim como uma sentença da vida: ela há de viver, há de aproveitar seu tempo de vida, há de fluir por entre os anos restantes enriquecendo seu existir com experiências de que se sente desejosa. Flor está viva e sente-se viva, frente aos seus desejos, os acolhe, sem incomodar-se com os olhares dos outros, escolhendo o



que irá viver não a partir dos sentidos sedimentados a impor maneiras de experimentar o envelhecimento e a sexualidade, mas sim, pelo modo como se sente tocada pelas possibilidades com que se encontra à medida que se lança no mundo.

Diante disso, uma inquietação que compartilha diz respeito à palavra “idosas”, que ela afirma incomodá-la por remeter a qualidades negativas, tais como declínio, decadência e invalidez. Entendemos que, na *cotidianidade*, esses significados são fortalecidos, como se circunscrevessem a experiência de ser uma pessoa idosa. Logo, a narrativa de Flor nos permite refletir que ao recusar a palavra idosa para referir-se a ela e sugerir o termo maduras, ela nos aponta que a primeira palavra tem significados que se referem a um modo de ser que não é o seu, enquanto a segunda a acolhe nesse sentido.

Flor nos apresenta ao seu modo de fluir pela existência, que parece ser para ela um terreno fértil de onde faz brotar experiências enraizadas em sua liberdade. De seu jardim de liberdade, Flor nos anuncia a possibilidade de ser si mesma, que parece apenas se intensificar ao longo de sua vida, e figura em sua liberdade para *corporar* sexualmente. Em sua narrativa, Flor nos mostra que a sexualidade pouco se relaciona a questões de ordem biológica ou cronológica, nos direcionando à compreensão da sexualidade como um existencial que desvela o seu modo de *ser-no-mundo*.

4.3 Flor de Lis e o tempo de viver

Flor de Lis é uma mulher de 69 anos de idade. Muito sorridente e vivaz, movimentava a sua vida com o seu trabalho, de que gosta muito e do qual ainda não pensa em aposentar-se; com as várias saídas com as suas amigas; com as viagens que tem feito e as que têm planejado; e com as relações com seus filhos, netas, e o marido, seu companheiro há 42 anos. Ela diz perceber-se como uma mulher bonita, que ainda está “toda toda, para 70 anos”, associando a sua beleza à ressalva de que se acha linda, mas sob a consideração de seu tempo de vida, fazendo parecer que o passar dos anos apresenta-se a ela como sinônimo de desgaste, diante do qual a beleza revela-se como fruto da resistência de um corpo que, mesmo expondo as marcas de muitos anos de vida, permanece belo. Assim, sua fala nos provoca a questionar se é a idade que tem sido condição para a nossa percepção de beleza, como se esta fosse circunscrita a um período específico da vida, logo, sob análise da idade.

Ainda no início de sua narrativa, compartilha o modo como vivencia a sua sexualidade e afirma que se antes era muito “namoradeira”, hoje já não tem mais desejos

sexuais, o que descreve como falta de vontade de ter relações sexuais, e aponta como acontecimento natural à passagem dos anos. Apesar de mencionar experiências de suas amigas de idades semelhantes à sua, cujos desejos permanecem vivos, ela identifica isso como exceção, revelando uma compreensão acerca da sexualidade em que esta aparenta possuir uma data de validade, de modo que sua expiração não é questionada, mas assumida como constituinte do tempo. Este aparece na narrativa da participante em seu caráter cronológico, expresso por sua linearidade, na capacidade de medir a vida em números, o que faz com que, no atual momento de sua linha do tempo da vida, a sexualidade não seja percebida como possibilidade para Flor de Lis.

Heidegger (1989) nos lança à compreensão de que o *ser-no-mundo* existe como *abertura*, projetando a sua existência para fora de si, ao encontro com o mundo, que desvela as possibilidades constituintes do *ser-aí*. Em diálogo com tal perspectiva, Sena (2019) reflete sobre a *abertura* em sua relação com o tempo, o que nos auxilia na compreensão da narrativa de Flor de Lis, na qual também se evidencia este entrelaçamento entre as possibilidades que a constituem e o seu tempo de vida. Sena (2019), então, nos diz que a abertura exhibe “colorações e intensidades várias, que revelam, avivam, empalidecem ou encobrem possibilidades de ser no mundo em consonância com *temporadas* ou, como se costuma dizer, ‘fases da vida’ (...)” (p. 26).

Nesse sentido, as fases da vida orientam a abertura do *ser-aí*, visto que encobrem ou lançam luz às possibilidades, logo, uma possibilidade em destaque na experiência de uma idade, pode estar encoberta em outra, em virtude do próprio tempo de vida. É isso o que Flor de Lis nos conta ao contrapor momentos de sua vida em que se descreve como namorada ao momento atual, de sua velhice, em que diz não sentir mais desejo sexual. Assim, ela expõe que havia em si um modo de ser desejante sexualmente do qual se distanciou ao longo do tempo, até que atualmente se diz desejante, mas de outros modos de ser, diferentes do sexual, e que parecem oferecer-lhe prazer em sua vida, tais como ser avó, amiga, viajante e profissional.

Em seu percurso pelas idades, Flor de Lis foi se voltando a outros modos de ser e se despedindo dos desejos sexuais antes tão presentes em sua vida. Ela compartilha mudanças vivenciadas na relação com o marido, como a chegada dos filhos e as transformações em seu corpo, ressaltando que esses fatores a afastaram da possibilidade de experimentar a relação como apaixonante ou sexual. Flor de Lis associa tais mudanças à passagem do tempo, que parece determiná-las, de modo a alterar sentimentos e



relacionamentos, bem como afastá-la de seus desejos sexuais, até que, atualmente, eles se tornaram inexistentes.

Dessa maneira, as possibilidades de viver de Flor de Lis parecem, como Heidegger (1989) nos inspira a pensar, niveladas pelo tempo, o qual, nessa apreensão, funciona como organizador da sequência de vários agoras que se enfileiram obedecendo a um enquadramento já previamente dado, que nivela, ou circunscreve as possibilidades de ser. Esse tempo da cronologia e sucessão dos agoras é apontado por Heidegger (1989) como o “tempo do mundo” (p. 518), visto que se refere a um fluxo simplesmente dado de momentos. É assim, como o tempo do mundo, que Flor de Lis parece se relacionar com o tempo de seu existir e, por isso, ao mencionar o transcorrer do tempo e as transformações ocasionadas por ele em sua relação com o marido e outros âmbitos de sua vida, ela nos aproxima dos modos de compreender os relacionamentos e o envelhecimento com que se encontrou no mundo.

Ao compartilhar o que percebe que o tempo a reserva em seu envelhecer, expõe os sentidos históricos que encontrou no mundo para o envelhecimento, em entrelace com os sentidos do envelhecimento para si mesma. Logo, a narrativa de Flor de Lis permite um olhar ao modo como ela vive o tempo do mundo, lançando luz ao encobrimento histórico da sexualidade como possibilidade no envelhecimento de mulheres, mas também ao seu próprio modo de apreender o tempo de seu existir como o tempo do mundo, que encobre essa possibilidade para ela. Nesse sentido, o modo de ser *impessoal* de Flor de Lis se revela em sua narrativa a partir do tempo cronológico.

Em *Ser e Tempo*, Heidegger (1989) nos diz que o *impessoal* retira do *Dasein* a responsabilidade por sua existência, de maneira tal que passa a responder por todos os julgamentos e decisões. Se assemelha a esta descrição a compreensão de Flor de Lis a respeito do tempo, em que a cronologia justifica, explica e conduz os acontecimentos de sua existência, levando-a a seguir o ritmo já conhecido, pois previamente estabelecido pelo tiquetaquear do relógio. Dessa maneira, o tempo cronológico figura como determinante de modos de ser em sua vida, numa apreensão do tempo que parece tê-la situado em um modo de abertura que, tal como discutido anteriormente a partir das reflexões de Sena (2019), empalidece a sexualidade como possibilidade a ser vivida em seu envelhecimento, posto que, entendida como própria da juventude, a sexualidade permanece encapsulada nesse período da vida, restrita a um tempo que já ficou para trás.

O que relata sobre esse outro momento, é que saía muito, se divertia, ficava com muita gente e interrompeu esse ritmo quando decidiu se casar, acrescentando “eu já me



casei aos 27 anos”. Nessa fala, Flor de Lis mostra o seu modo de *corporar* sexualmente em sua juventude, na plenitude da liberdade que durante esses anos de sua vida vivenciou a sexualidade. Ao se casar, ela nos conta que estava se unindo ao seu companheiro, junto de quem poderia, em suas palavras, “sossegar e envelhecer”, de modo que o casamento parece ser o acontecimento que coloca um fim à sua compreensão de si mesma como namoradeira, que aqui entendemos como a sua percepção de si como sexuada e desejante.

Flor de Lis compartilha que, quando assumia esse modo de ser, havia repercussões importantes em suas relações, destacando a ocasião em que contou para a mãe que havia perdido a virgindade e ela não falou com a filha por três dias, em desaprovação ao que havia acontecido. Em sua liberdade para *corporar*, encontrou-se com o silêncio da mãe, que entendemos como representação da maneira como, na *cotidianidade*, o sexo é percebido na história de vida das mulheres. Ao passo que representa um ganho de experiência para os homens, no caso delas é lamentado como uma perda e reprimido como algo errado.

Ainda sobre a relação com a mãe, ela conta que, quando voltaram a se falar, Flor de Lis lhe propôs um trato: iria se casar aos 27 anos e engravidar aos 30. Tal combinado, que ela cumpriu, nos parece uma tentativa de consertar uma transgressão, que seria vivenciar a sexualidade como ela estava fazendo antes do casamento. Logo, quando Flor de Lis nos conta como escolheu se casar, não é o seu desejo que aparece em foco, mas sim o de sua mãe, junto às falas das pessoas que ela diz que alertavam ser arriscado engravidar após os 30 anos.

Como nos inspira a pensar Heidegger (1989), Flor de Lis nesse momento de sua narrativa, aparece dispersa na *impessoalidade*, distante de seu modo de ser *si-mesma* mais próprio, na necessidade de encontrá-lo. É aos outros, na figura de sua mãe ou das demais pessoas, que ela se remete para descrever como assumiu o casamento como uma possibilidade para ela. Ao esmagar exceções que ousem se impor, a *impessoalidade* promove um nivelamento em que, nas palavras de Heidegger (1989, p. 185) “todo mundo é o outro e ninguém é si mesmo”.

Nesse sentido, na narrativa da participante, ela aparece desse modo, imersa no *impessoal*, sem que venha à tona o seu *ser-si-mesma* mais próprio ao decidir se casar. Assim, segue o caminho de uma escolha que é a de todos, mas não a sua própria. Do início ao fim de sua narrativa, inclusive nessa última fala, Flor de Lis nos mostra a sua relação com o tempo cronológico, como a linearidade que a conduz, determinando modos de ser em sua vida.



A sexualidade, como dimensão de seu *corporar*, parece ter se constituído em meio às prescrições do tempo para sua vida. Estas, tal como vimos, são fruto da *impessoalidade*, que na narrativa de Flor de Lis mostra-se niveladora dos modos de *corporar* sexualmente das mulheres, a tal ponto que pode sufocar a possibilidade de a sexualidade manter-se viva no envelhecimento. Nesse momento de sua vida, parece relacionar-se com a sexualidade como inexistente, repetindo a ausência dos desejos sexuais, embora aponte situações em que diz que seu corpo subitamente a surpreende com ondas de prazer, as quais parecem lembrá-la de que o seu corpo permanece vivo, sexuado e desejante.

Em sua narrativa, Flor de Lis se apresenta como uma mulher que vivencia a corporeidade de um corpo vivo e sexuado, embora não mais assuma um modo de ser sexual. Ela voltou-se para outros modos de existir, diante dos quais parece impulsionada ao desejo de viver experimentando o prazer que encontra em viajar, trabalhar e aproveitar as relações familiares e de amizade. Flor de Lis assume o modo de *ser-no-mundo* de lançar-se à existência na busca por potência, por *poder-ser* desfrutando do prazer que seu corpo lhe oferece nas múltiplas possibilidades de vivenciar a sua *corporeidade* que existem para além do ato sexual.

5 Considerações Finais: o que se mostrou sobre a sexualidade no envelhecimento feminino?

A narrativa de nossa primeira entrevistada, Maria, nos lançou à compreensão da sexualidade como um *existencial*, logo, componente ontológico da existência. Assim, o encontro com essa participante nos apresenta a possibilidade de pensar a sexualidade em sua dimensão existencial, a qual não se restringe ao sexo. É isso o que Maria nos anuncia ao nos apresentar a sua *sexualidade* a partir da *corporeidade* de um corpo vivo, pulsante em desejos, que mostra a vivência da sua *sexualidade* em sua relação com os outros, mas também consigo mesma, sendo integrante de seu existir.

Na narrativa de Flor, o caráter *existencial* da *sexualidade* é evidenciado pelo modo como, em sua fala, a sexualidade atravessa todo o seu existir, de maneiras diferentes a cada momento. O que a participante nos diz é que foi familiarizada com a sexualidade como um tema comum, a integrar o cotidiano familiar, compreendido por ela, desde cedo, como livre, muito diferente de um tabu. Nesse sentido, a análise da narrativa de Flor nos permite pensar que o modo como as mulheres são familiarizadas com a sexualidade ao



longo de suas vidas promove importantes impactos na relação e vivência desse tema, podendo afastar a sexualidade de uma atmosfera de interdição.

Na narrativa de Flor de Lis, também é evidenciado o impacto do modo como as mulheres são familiarizadas com a sexualidade, na vivência de seu modo de *corporar* sexualmente. Ao contrário de Flor, tanto Maria como Flor de Lis são familiarizadas com a sexualidade como um tabu, um tema interditado. Se Maria nos diz desejar matar o desejo sexual que se impõe em seu existir, Flor de Lis nos diz que seu desejo já é inexistente.

Logo, a escuta às narrativas das participantes nos ilumina outras possibilidades de compreensão do envelhecimento feminino. Caminhando junto às suas falas, nosso olhar se direciona, não para as impotências de seus corpos, como é tendência na maioria dos estudos relativos ao envelhecimento feminino os quais são voltados à redução aos aspectos biológicos desse fenômeno, mas para o mundo como espaço de intensa hostilidade à realização das existências femininas a envelhecer, em seu caráter de *poder-ser*. Então, nos parece que estar diante de mulheres que, a partir de certa idade entendem que não podem assumir determinados modos de ser em suas existências, ou que enfrentam intensos desafios para isso, nos defronta a existências femininas que têm sido atravessadas pelos sentidos sedimentados constituintes do mundo a circundar a *cotidianidade* sobre o envelhecimento, e não, um resultado de mudanças corporais ou adoecimentos relacionados a essa fase da vida.

Dessa maneira, entendemos que estudar aspectos diversos do envelhecimento de mulheres significa reconhecer a complexidade desse fenômeno, o que propicia ampliação da abordagem de profissionais de saúde à sexualidade como integrante da vida, explicitada nas vivências de mulheres idosas como existente para além do ato sexual em si. Isso é importante para fortalecer a assistência em saúde às mulheres nessa fase de suas vidas, visto que não buscam atendimentos psicológicos, por exemplo, apenas em virtude da repercussão de mudanças físicas em suas vidas a partir de certa idade. Nas suas narrativas, percebemos que a sexualidade é vivida por elas no prazer em desempenho de atividades que lhes oferecem prazer e realização e as relembram de seus corpos vivos e desejantes. Destacamos, então, a relevância de, na formação de profissionais da psicologia, o envelhecimento feminino ser temática trabalhada no percurso formativo para que estes possam ouvir, acolher e cuidar de mulheres idosas tendo o repertório teórico de reflexões alinhadas com o caráter multifacetado das questões relativas ao envelhecimento.



Ademais, a compreensão do envelhecimento como tempo de vida e possibilidades, um fenômeno complexo que não se restringe a declínio de funções corporais, pode inspirar ou reforçar políticas públicas importantes para essa população. O desenvolvimento deste estudo leva a uma questão importante: a escassez de espaços de lazer frequentados por pessoas dessa faixa etária. Isso evidencia a necessidade de ações que tornem os espaços públicos mais acessíveis, garantindo que seu uso não seja restrito apenas aos jovens, mas que contemplem também as necessidades de outros grupos, inclusive o de pessoas idosas.

Identificar tais aspectos referentes à ocupação dos espaços públicos pela população, nos provoca a refletir sobre as possibilidades de estar no mundo ofertadas às mulheres idosas. Se, tal como discutimos ao longo deste artigo, *ser-no-mundo* refere-se a um modo de ser estando em relação com o mundo, o qual familiariza as existências com seus sentidos sedimentados, indagamos como tal estrutura de sentidos tem familiarizado as mulheres idosas acerca das possibilidades que podem realizar estando em locais públicos. Questionamos se o mundo, em seus sentidos sedimentados sobre o envelhecimento feminino, tem favorecido a essas mulheres espaços nos quais podem ser, realizar suas existências a partir de encontros com pessoas e atividades que as proporcionem prazer.

Ainda que a cotidianidade siga tratando a vida no envelhecimento como uma “ladeira abaixo em direção à morte”, tal como Maria nos disse, o que testemunhamos neste estudo foram falas de mulheres desejosas por ainda *poder-ser*. Ainda poder viver, ainda poder sair, ainda poder mudar os rumos de suas existências, ainda poder desejar, ainda poder ser percebida como desejante, ainda poder experimentar seus corpos nas mais diversas experiências, inclusive no sexo, embora muito além dele. Portanto, defendemos que lançar luz à sexualidade no envelhecimento feminino é romper com a ideia de destinos já previamente estabelecidos para as mulheres, que sendo existentes, devem também ter possibilitada a liberdade para seguir vivendo, sendo si-mesmas às suas maneiras.

Referências

ALVES, H. B.; Cardozo, D. C.; Vasconcelos, A. P. S. L.; De Salles, B. F.; Miranda, H. L.; & Simão, R. Influência da frequência semanal do treinamento de força sobre o desempenho funcional em idosas. **ConScientiae Saúde**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 48-56, mar. 2018.



AMATUZZI, M. M. Pesquisa fenomenológica em psicologia. In: BRUNS, M. A. de T.; HOLANDA, A. F. (orgs.). *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas*. Campinas: Alínea, 2003. p. 17-25.

AZEVEDO, A. K. S. **Não há você sem mim**: histórias de mulheres sobreviventes de uma tentativa de homicídio. 2013. 202 f. Tese (Doutorado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

AZEVÊDO, I. F. M. de. **A tentativa de suicídio e o Seridó potiguar**: um estudo à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana. 2020. 242f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

BEZERRA, C. G. **A experiência de sofrimento em estudantes de Ciências e Tecnologia da UFRN sob o enfoque fenomenológico-existencial**. 2016. 151f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

BRASIL. **Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 jan. 1994. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18842.htm. Acesso em: 3 jun. 2025.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 25. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

CARDOZO, D.; VASCONCELOS, A. P. S. Efeito do treinamento de força no formato de circuito nos níveis de força e desempenho funcional em mulheres idosas. *ConScientiae Saúde*, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 547-554, abr. 2016.

CASANOVA, M. A. **Existência e transitoriedade**: Gênese, compreensão e terapia dos transtornos existenciais. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.

CHAIMOWICZ, F.; DE FARIA CHAIMOWICZ, G. O envelhecimento populacional brasileiro. **PISTA**: Periódico Interdisciplinar [Sociedade Tecnologia Ambiente], [S.l.], v. 4, n. 2, p. 6-26, 2022.

CUNHA, G. G. **A experiência de ser mãe de crianças vítimas de abuso sexual**: uma compreensão fenomenológica. 2019. 135f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

DE BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução: Maria Helena Franco Martins. 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2018.

DE BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

DE SÁ, R. N. **A analítica heideggeriana da existência em Ser e tempo**. [S.l.]: [s.n.], 2005.

DUARTE, I. B. A apropriação propícia—pensar e amar como acontecimento em Heidegger. *Natureza Humana-Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, v. 21, n. 1, p. 34-53, 2019.

DURANTE, A., Rodigheri, A.; Rockenbach, C. W. F.; Pimentel, G. L.; Leguisamo, C. P.; & Calegari, L. Treinamento muscular inspiratório melhora a força muscular respiratória e o pico



de fluxo expiratório em idosas hipertensas. **ConScientiae Saúde**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 364-371, out. 2014.

DUTRA, E.; MAUX, A. A. (org.). **Pesquisa em psicologia fenomenológico-existencial: interpretações do sofrimento na contemporaneidade II**. Curitiba: CRV, 2021.

FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, M. B. **Suicídio: entre o morrer e o viver**. Rio de Janeiro: IFEN, 2017.

GARCIA, R. C.; OLIVEIRA, P. S.; SANTOS, N. Q.; BRANCO, B. H. M.; SILVA, N. C. O. V.; BERTOLINI, S. M. M. G. Efeitos dos exercícios baseados no método Pilates praticados em equipamento portátil por mulheres idosas com lombalgia crônica: um ensaio clínico randomizado. **Retos**, Cidade da revista, v. 48, p. 791-799, 2023.

GUEDES, J. M.; REGO, E. L. S.; SILVA, M. A.; SANTOS, M. A. Efeitos do treinamento combinado sobre a força, resistência e potência aeróbica em idosas. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 22, p. 480-484, dez. 2016.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2009. (Texto original publicado no Brasil em 2001).

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução: M. S. Cavalcante. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989. (Originalmente publicado em 1927).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico: Dados** [População por idade e sexo]. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102038.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2025.

MAUX, A. A. B. **Masculinidade à prova: um estudo de inspiração fenomenológico-hermenêutico sobre a infertilidade masculina**. 2014. 161 f. Tese (Doutorado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

MELO, M. B. de. **Compreensões fenomenológico-existenciais acerca da experiência suicida na infância: "E existe?"**. 2022. 165f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

MORATO, HENRIETTE T. P. Algumas considerações da fenomenologia existencial para a ação psicológica na prática e na pesquisa em instituições. **Prática psicológica na perspectiva fenomenológica**, v. 1, 2013.

NASCIMENTO, V. C. Do; SILVA, A. P. O.; PEREIRA, M. H. S.; COSTA, L. H. R. Efeito do treinamento resistido no desempenho físico e capacidade funcional respiratória de mulheres idosas. **Journal of Physical Education**, v. 29, n. 1. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc>.

PITANGUI, A. C. R.; SILVA, R. G. da.; ARAÚJO, R. C. de. Prevalência e impacto da incontinência urinária na qualidade de vida de idosas institucionalizadas. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 15, p. 619-626, dez. 2012.

SAPIENZA, B. T. **Os dois nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era técnica**. [S.l.]: Via Verita, 2011.

REBOUÇAS, M. S. S. **Aborto: um fenômeno sem lugar – uma experiência de plantão psicológico a mulheres em situação de abortamento**. 2015. 194f. Tese (Doutorado em



Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

REZENDE, A. A. B.; SOUZA, C. H.; MARTINS, D. P.; SANTOS, F. C. Avaliação dos efeitos de um programa sensório-motor no padrão da marcha de idosas. **Fisioterapia em Movimento**, Curitiba, v. 25, p. 317-324, jun. 2012.

RIBEIRO, L. H. M.; NERI, A. L. Exercícios físicos, força muscular e atividades de vida diária em mulheres idosas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 2169-2180, ago. 2012.

SALGADO, C. D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 4, jun. 2002.

SANTOS, K. S. D. L. **Pós-abrigamento de mulheres em situação de violência**: uma compreensão fenomenológica. 2018. 115f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

SILVA, M. V. M. D. **Além do arco-íris**: tentativa de suicídio entre a população LGBTI+, uma compreensão fenomenológico-hermenêutica. 2022. 180f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

SOUZA, R. M. de.; KIRCHNER, B.; RODACKI, A. L. F. Efeito agudo do alongamento na marcha de idosas em terreno inclinado. **Fisioterapia em Movimento**, v. 28, p. 383-394, jun. 2015.

VALE, D. C. G. D. A. **Experiência de ser-criança com TDAH**: compreensão hermenêutico heideggeriana. 2022. 135f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

Recebido em: 10 de março de 2025.

Aceito em: 24 de junho de 2025.